



Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

O «mistério do corpo falante»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

Variações lacanianas XX 139

Freud:

1. Aquela que pertence à parte feminina da espécie humana se define por ter sido castrada (Ela viu, ela julgou). Sua relação com os outros e com o mundo se determinará, então, pela busca do que lhe falta, e isso por todas as vias possíveis.
2. Por outro lado, enquanto mulher propriamente dita, ela é bastante misteriosa, até mesmo inquietante. Graças à Deus, também não lhe é proibido ser um homem...quer dizer, entrar na definição que damos a ela, que lhe impõe posicionar-se como castrada.

Lacan:

1. A parte masculina das mulheres não deixa nenhuma dúvida, já que elas falam, com tudo que isso implica : a demanda, a castração, o desejo e sua significação fálica, etc.
2. A parte feminina da espécie *parlêtre* (falasser) é a que se define por não ser castrada (Ela viu, ela julgou). Não lhe faltando a coisa, não há palavra que simbolize sua ausência.
3. Desta forma:
 - « A » mulher não existe, pois ela não é inscritível em nenhum significante.
 - A relação à mulher é impossível de se escrever, já que ela mesma não é inscritível.
 - A relação à mulher, é o outro nome da relação sexual.
4. « Um » gozo feminino existe. Ele se experimenta, se constata, mas não pode se dizer. Mais precisamente, ele pode ser afirmado como tal, mas nada pode ser dito.
Se este gozo feminino pudesse falar, pudesse ser dito, poderíamos qualificá-lo, dizer dele que

ele é como...; como, por exemplo, aquilo que podemos experimentar quando trememos de prazer com uma carícia, e muito mais ainda, porque essa carícia toca o órgão mais sensível do corpo.

Além do mais, este gozo feminino não pode se dizer « o » gozo feminino, já que ele não pode ser definido, por falta de um significante que o represente.

5. Se este gozo não pode se dizer, ele poderia ser ao menos comparado?

Suas manifestações, certamente. Mas como estar seguro da constância da relação de suas manifestações ao que é realmente dela, como prova, como experiência?

No que concerne uma mulher em particular, é necessário se remeter ao que ela diz. De fato, cada uma pode dizer se o gozo que experimentou foi mais ou menos intenso, em relação a uma outra experiência anterior de referência. Resta, que será necessário acreditar no que ela diz...

E, de uma mulher à outra, o que mais poderia se comparar senão as manifestações de seus gozos, já que o gozo de cada uma não pode nem ser dito, nem ser contabilizado, quer dizer, que não se sujeita à uma medida « objectiva » ?

6. « Objectiva » nos reenvia, por um lado, à ciência moderna, a que se funda a partir da escritura matemática que substitui “a um número qualquer de uns, isso que se chama uma letra », quer dizer, uma constante que permite o cálculo (Mais, ainda, p.139) ; por outro lado, « objectiva » nos remete ao objeto *a* do fantasma, que é a unidade de medida do prazer: um prazer que vale tantas mamadas, tantos florins (moedas); que talvez valha mesmo um número incalculável de mamadas e de florins, mas que não deixam de ser mamadas e florins.

7. Constata-se, além do que ele se experimenta, que este gozo feminino, se ele pode ser ativado da mesma maneira « objectiva » que no homem, não passa necessariamente pela mesma via. Ele pode ser acionado de maneiras diferentes, as vezes mesmo sem contato físico. Ele funciona de outra forma que no homem, e independente dele. Como então?

8. Que ele não possa ser dito lhe interdaria de responder a uma lei que poderia se enunciar - lhe impediria de se ordenar? Será que elas saberiam o que lhes faria gozar, mais ainda ? Parece que não, mediante o que elas sabem que não podem estar tão seguras de si. É justificado então que do ponto de vista fálico, em retorno, elas se encontram elas mesmas injuriadas.

9. Que de uma maneira própria o gozo feminino existe (ex-siste), que seja. Em que isso tem importância? E para quem?

- Que isso seja importante para as mulheres é compreensível, já que elas são misteriosas para si mesmas. Contanto notar que isso lhes importe apenas na medida em que não e seja suficiente para elas experimentá-lo, mas que elas queiram além disso, revelar uma parte deste mistério, saber algo mais sobre isso ; se elas são históricas, quer dizer, se interessem a isso do ponto de vista do homem.

- Para o homem, se ele tem sua formalização matemática, sua equação objetual, fantasmática, que

mede, calcula seu gozo, porque e como este gozo outro lhe faria cócegas ainda ? A questão é ainda mais pertinente pois o que faz um homem se interessar ao corpo de uma mulher se explica suficientemente pelo fato de que ela é para ele, à imagem da mãe, castrada. Quer dizer que ela é sem mistério, já que a relação para com a mãe se inscreve na referência suposta comum ao objeto. O homem pode, então, « *quoad matrem* » (Mais, ainda, p. 41), inscrever as mulheres que podem convir à sua equação fantasmática, esta que lhe possibilita as condições de oferecer o objeto que lhes falta, permitindo-lhe desta forma de se afirmar como tal.

10. Se todo homem, assim como a parte histórica de cada mulher, se interessa ao gozo feminino e responde por intermédio do fantasma, a quem ele vai poder continuar a interessar, a quem ele pode continuar a fazer enigma, dando-lhe uma função de causa ? Aos mesmos obviamente: as mulheres, porque elas sabem que ao oferecer seus corpos em equivalência ao objeto lhes deixam no embaraços, quando não no sofrimento; os homens (e a parte histórica das mulheres) porque eles sabem que uma equivalência não é uma identidade.

O fato de que estes últimos tenham respondido pela sua hipótese objetual ao enigma, resposta que lhes assegura uma certa estabilidade no mundo e em seu modo de satisfação, não diz porque a diferença como tal tornou-se para eles um problema necessitando de solução – em outras palavras, porque a diferença os afetou em seus corpos – angústia - a ponto de colocar esta diferença a trabalho do significante: inconsciente.

11. Para o *parlêtre* (falasser), revela-se que a diferença introduzida pela palavra afeta; e que o afeto gera a palavra em forma de questão sobre si mesma, sujeito portanto

É que a diferença só é introduzida como tal pelo significante. Não pelo significado e a significação própria a cada palavra, que não existe, mas pelo significante por se definir como distinto de todos os outros. *Motérialité de lalangue* (mot [palavra]+materialidade da alíngua), nos diz Lacan. O significante estando no lugar do Outro, de onde vem ao *infans*, ele se escreve no corpo como diferença de gozo, portanto, angústia. E a resposta fantasmática não será senão uma rolha, um tapa buraco de sentido, *mi-rage* [meia-raiva/miragem] do sentido último do falso-ser.

Como, então, definir esta diferença? Isto é, como dar conta do afeto que ela provoca, ou pelo menos como canalizá-lo? Será que podemos dizer que assim como para a relação sexual, a diferença não é de forma alguma inscritível e que toda tentativa de fazê-la somente a repete? Certamente, mas transformando-a também, já que em falando « je » (eu) coloco em função o objeto suposto de aboli-la e transforma, desta maneira, a angústia em afetos mais suportáveis.

A palavra – vinda do Outro - , introduz e imprime no corpo a diferença, o real. A diferença se faz, por sua vez, palavra e questão. De uma geração a outra, a questão se reproduz e a palavra se transmite. Quem começou? E para dizer o quê? Mistério de uma vida que só se reproduz pela mediação do malentendido... (Mais, ainda, p. 129)

12. O corpo é afetado pela alíngua, e como resultado é falante; o corpo é falante e afeta, conseqüentemente, um outro corpo. Desta forma, por ser falante, o corpo pode querer reter um outro corpo e contar com ele para responder da sua ex-sistência. Não estaria aí, « isso que que retém os corpos invisivelmente » (Mais, ainda, p. 99). Não os corpos celestes, mas os corpos dos *parlêtres* (falasseres): corpos que não se limitam a constatar a diferença anatômica visível;

corpos que também não limitam à fórmula gravitacional do fantasma que permitiria o cálculo de sua distância ; corpos que por outro lado, mantêm « os pontos de impasse, de sem-saída » (id) que a escritura da alíngua, na sua superfície, cinge, pontos que « mostram o real acedendo ao simbólico ».

13. Seria uma obrigação que um corpo falante deva reter um outro corpo falante?

Parece que é desta forma que se passa, já que constatamos que os sujeitos psicóticos, tanto quanto os neuróticos, precisam que suas palavras sejam não somente proferidas mas recebidas, , mesmo que seja em uma lógica diferente segundo uma ou outra destas estruturas. Todos os *parlêtres* constituiriam, então, o Outro, pela mediação de um corpo afetado, como parceiro.

Mas a clínica não nos forçaria à distinguir o tempo em que a palavra do Outro se imprime como marca da diferença e faz o corpo falante, e o tempo em que esta palavra reverbera em questão que faz laço com o Outro? Não seria necessário para isso que o Outro, apos ter inscrito a diferença, a acolha dando-lhe um sentido?

De fato, os sujeitos melancólicos e os autistas não se caracterizam justamente por só ter uma palavra sem endereço, desvinculada de toda demanda a um parceiro, de todo objetivo de tocar seu corpo? Se Lacan disse sobre os autistas que eles eram preferencialmenteverbais, não podemos dizer o mesmo sobre os melancólicos? Os primeiros, por mais que sejam autistas, emitem sons, até mesmo palavras, que se acompanham de afetos específicos; os segundos continuam a pensar mais ou menos em silêncio seus ser de abjeção irrepresentável, e de experimentar sua dor. Ambos, cada um a sua maneira, não são menos falantes. Então, a *motérialité*(*moterialidade*), por mais ex-sistente que ela seja, parece ser primeiramente uma característica da unidade corporal da espécie *parlêtre*, senão do seu organismo, independentemente de todo parceiro possível. Mistério do corpo falante que nenhuma anatomia elucidara?

14. De fato, qual relação entre o gozo outro, feminino, que não alcança o simbólico, e a subs(is)tência de gozo do real da alíngua ? Não se trata neste caso da passagem de uma teoria relativizada do gozo outro a uma teoria generalizada? E neste caso, o que resta da especificidade da primeira? Quais são as consequências da segunda sobre a experiência analítica e o seu final?

Talvez em Roma...

Marc Strauss, Paris, 23/03/10

(trad. Sylvana Clastres revisão Dominique Fingermann e Cicero Alberto Dias)